

Descobrir a cidade e a arte



Malangatana Valente Ngwenha

A propósito da Exposição Retrospectiva do artista Malangatana, que será inaugurada durante o próximo mês de Junho, retrospectiva essa a realizar no ano em que ele completa 50 anos de existência e 25 da sua primeira «individual», apresentamos alguns aspectos da sua vida, conforme a brochura a editar para a ocasião, pelo Museu Nacional de Arte.

Após estudar na escola protestante de Matelana, fundada por Tobyiasse Maxiyana e, depois — após o encerramento da mesma pela Administração colonial — numa missão católica da mesma região onde tirou a «3.ª classe rudimentar», Malangatana resolveu vir para a então Lourenço Marques.

DE CRIADO DE CRIANÇAS A «APANHA-BOLAS»

«Chegar aos doze anos a Lourenço Marques com a «terceira classe rudimentar», era também chegar com um mundo de sonhos por realizar.»

A vida em Lourenço Marques não era fácil. Aliviavam muitos outros jovens com idênticas ambi-

ções e, para arranjar serviço, não chegava saber o português que ensinavam na escola rudimentar. Por outro lado, a política e a Administração colonial controlavam eficazmente qualquer movimento dos «indígenas» dentro da cidade a partir das 21 horas, o que dificultou as intenções de Malangatana de continuar a estudar à noite, pois não o deixariam circular no regresso para casa.

Para trabalhar tinha a ideia de aprender o ofício de funileiro. Informou-se onde poderia aprender e como resposta, por troca, indicam-lhe a porta de uma agência funerária. Vacilante, procura o patrão, pedindo serviço. — «Funileiro?» — responde-lhe o patrão — «aqui só se fazem caixões», e apontou uma pilha deles, a um canto. Malangatana saiu aterrorizado, afastando a ideia de ser latreiro.

Acabou por fazer o serviço mais comum para os miúdos recém-chegados à cidade: tomar conta de crianças. Assim viveu vários anos, passando por vários patrões, acompanhando outras tantas crianças, umas mais crescidas, outras ainda

bebés, entretendo-as e brincando com elas. Com a sua voz bem timbrada embalava-as no sono, com a sua imaginação contava-lhes histórias, quantas vezes animadas com as figuras que já então desenhava, com um pau, no chão térreo do quintal.

Acompanhando a educação de crianças de várias idades e famílias diferentes, Malangatana tam-

começa a trabalhar como «apanha-bolas» de tênis do Clube de Lourenço Marques (onde hoje é a Organização Nacional dos Jornalistas). O clube era frequentado pela elite da burguesia colonial, e Malangatana aproveitava a convivência seleccionada para aprender algo mais que as «boas maneiras» da alta sociedade. Com um cozinheiro do clube, aprende a falar inglês.

O seu quarto, na cave do edifício, é transformado em verdadeiro caleidoscópio de cores com fitas e enfeites aproveitados no fim das festas do Clube, junto com fotografias e recortes de revistas. Aí vai desenhando, tentando representar as cabeças de certos sócios e apurando algumas delas.

APÓIO DE ALGUNS

É Augusto Cabral, sócio do clube e também artista plástico, que vendo os desenhos de Malangatana o encoraja, incitando-o a prosseguir e lhe fornece alguns quadros, papel e pincéis. Fala do caso ao pintor João Ayres, que dava um curso de pintura no Núcleo de Arte, para que Malangatana o frequente. Aceite o candidato, Malangatana começa aí a pintar junto com outros jovens, entre os quais Sérgio Guerra, Carlos Neffe, Teresa Roza de Oliveira, Zé Júlio, Maria da Luz e Jorge Vieira, com pouco acompanhamento do professor.

Isso contribuiu para que Malangatana tivesse mais apoio dos seus colegas (principalmente de Zé Júlio) que do mestre, dando oportunidade a que a sua pintura fosse realizada segundo a sua óptica e

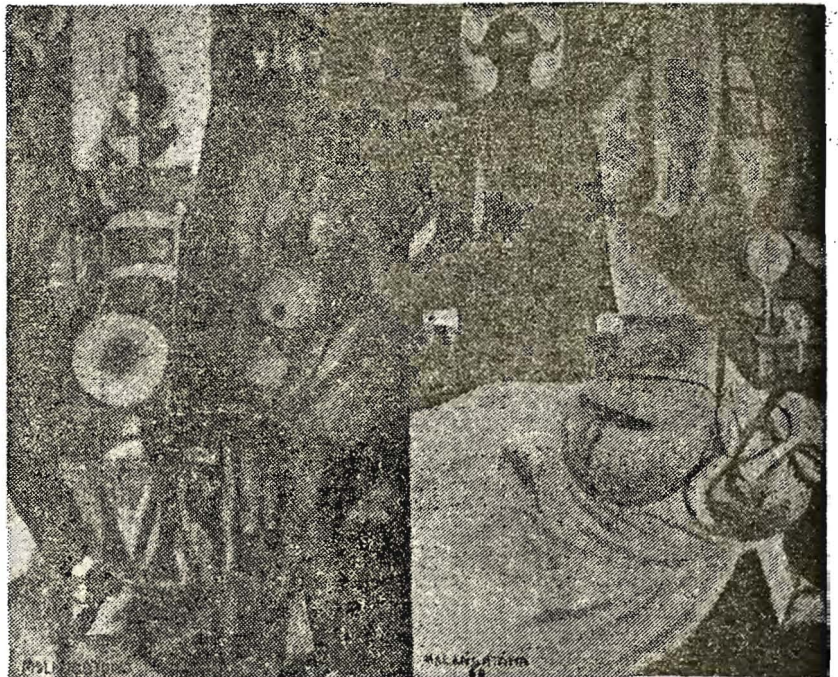
escutar e defender-se de inúmeras observações mordazes e mesmo insultuosas.

Até aos fins dos anos cinquenta os salões de exposição eram reservados a artistas brancos. Bertina Lopes tinha sido a primeira mulata a aparecer a expor, depois de tirar o curso de Belas-Artes, e regressar de Portugal. Em 1954, o Governador-Geral Gabriel Teixeira, numa acção de propaganda dentro da sua política colonial, escolhe alguns jovens que faziam desenhos e pinturas (Jacob e Elias Estêvão e Vasco Campira), isentando de imposto e paga-lhes uma bolsa para frequentarem um curso com Frederico Ayres.

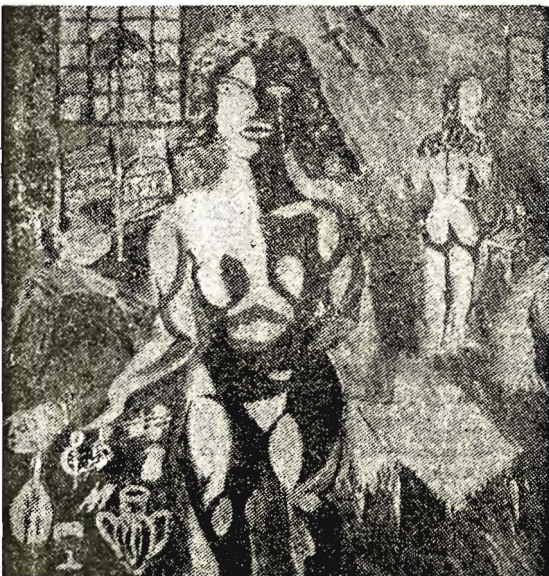
Esses «bolseiros» são apresentados pela primeira vez numa exposição organizada a propósito da visita do Presidente português Craveiro Lopes, em 1956. A determinada altura Malangatana aproxima-se destes pintores, mas não sente nada daquilo que eles pintavam, nem se sente interessado em aprender a pintar paisagens. Malangatana queria pintar coisas dos homens, suas, da sociedade.

SÓ RECEBE DESENCORAJAMENTO

Na primeira exposição em que participa, em 1959, os seus quadros são acolhidos friamente: até dos irmãos Estêvão e do Campira, de quem contava receber uma certa «solidariedade de cor», só recebe desencorajamentos. Um conjunto de circunstâncias vêm impedir que este desânimo seja prolongado: «Pancho» Guedes, considerado como um dos arquitectos



Dois dos 4 quadros em que Malangatana contava uma história que impressionava o seu dia-a-dia: «A história da carlas». (A mulher mandava carlas para o amante no chapéu do marido. Este, ao descobri-lo, matou-se)



Artista de força expressiva invulgar, os seus trabalhos impõem-se em certos meios

bém aprendeu novos comportamentos, hábitos e etiquetas sociais, conseguindo ao mesmo tempo receber apoio de alguns patrões para estudar à noite. Porém, tomar conta de crianças, tem também limite de idade, e Malangatana teve de escolher fazer outra coisa. Procura um serviço que lhe garanta quarto na cidade, para à noite poder ir à escola, sem ser interceptado pela polícia. Em 1953

processo de aprendizagem de tipo académico, desenhando modelos clássicos como era comum no sistema de ensino ocidental em vigor. Elementos progressistas procuravam então impor a temática de raiz africana nos salões de exposição coloniais. Por tal razão, Malangatana encontra apoio de vários colegas de curso, e de outros artistas ou apreciadores de arte. Simultaneamente teve também de

mais criativos do Continente Africano, conhece o jovem pintor pouco tempo depois e mostra-se interessado em apoiá-lo, dando-lhe local e condições de trabalho, e comprando-lhe mensalmente obras por preço, que, embora módico, era em montante superior ao ordenado que até aí Malangatana recebia.